

MARGARIDA PATRIOTA
Ilustrações de César Landucci

A GUERRA DAS SABIDAS CONTRA OS ATLETAS VAGABUNDOS

Selecionado para o PNLD-SP 2006



2ª edição
4ª tiragem
2018

Copyright © Margarida Patriota, 2004

Editor: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA

Assistente editorial: KANDY SGARBI SARAIVA

Secretária editorial: ANDRÉIA PEREIRA

Suplemento de trabalho: MÁRCIA GARCIA

Coordenação de revisão: LIVIA MARIA GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: ANTONIO ROBERTO BRESSAN

Projeto gráfico: HAMILTON OLIVIERI

Diagramação: EDSEL MOREIRA GUIMARÃES

Capa: CÉSAR LANDUCCI

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Patriota, Margarida

A guerra das sabidas contra os atletas vagais / Margarida Patriota ; ilustrações de César Landucci. — 2. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-07953-3 (aluno)

1. Literatura infantojuvenil I. Landucci, César. II. Título.
III. Série.

04-5777

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Avenida das Nações Unidas, 7221, Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo-SP

Tel.: (011) 4003-3061

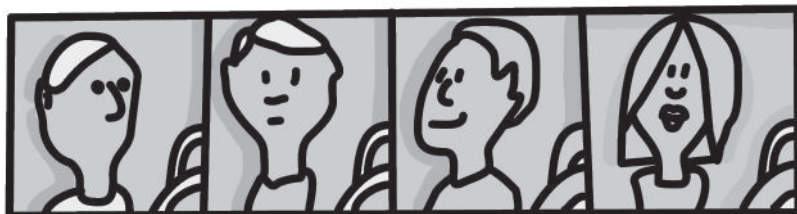
atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

CL: 810024

CAE: 571328

Para Fernanda e Lucas



BASTA!

O interfone, que era sempre atendido aos primeiros toques, nesse dia emudece. Calcar o botão do aparelho que comunica com o apartamento de Vera — várias, demoradas, irritantes vezes — só resulta num mesmo e inesperado silêncio. O porteiro do prédio, que é novo em serviço, diante da insistência dos garotos, reclama:

— Ei, *vamo* acabar com essa zona?

— A gente combinou de estudar na Vera, do 301.

— Diego, Gerson e Raul são vocês?

— Falou.

— Tem um bilhete aqui pra vocês.

O porteiro tira do bolso um papelete dobrado, que Raul pega e lê alto:

— “Atraso tem limite! Traição tem limite! Tudo tem limite! Virem-se!”. Lascaram ponto de exclamação na gente — comenta ao fim.

— Agora mesmo que danou — diz Gerson, puxando o celular do bolso, enquanto Diego soca obstinado o botão do interfone.

O porteiro torna a reclamar com voz firme:

— Ei, cara, ouviu o recado da menina?

Diego, então, vira-se e pede ao homem:

— Deixa eu subir, vai. A gente veio estudar na Vera, que tá lá esperando. A droga desse interfone pifou, só pode ser. Inclusive sou o namorado dela, e os amigos aqui é tudo gente fina.

— Você é o namorado da Vera?

— Sou, anda, abre essa porta, deixa eu subir.

— Meu amigo, não posso. Sou todo pelo namoro, essa coisa, mas sinto muito, não posso. A ordem foi entregar o bilhete e não deixar subir.

— Essa agora! — diz Diego, pondo-se a zanzar, com o ar perdido, pela portaria.

Nisso, Gerson rompe animado, o celular colado na orelha:

— Natália, gata, tudo bem? O que, tá com raiva de mim? Aquilo de ontem foi besteira, juro, você é a única. — Nessa palavra cala-se, fita surpreso o fone portátil, murmurando murcho: — Natália desligou.

É a vez de Raul discar a engenhoca e dali a pouco falar:

— Pô, Natália, não engrossa! Respeita o Gerson, né? A gente atrasou porque o jogo empatou, aí teve prorrogação. Hum. Vera acabou? Acabou como, se é fissurada no Diego? Hã? A Ingrid também invocou comigo?!

Arrancando o celular da mão de Raul, Diego se intromete na conversa:

— Oi, Natália, sou eu, Diego. Chama a Vera pra mim, por favor.

Aguarda quieto, com o olhar descolorido, de tão compenetrado na espera, até dizer:

— Sei. Não transige nos princípios dela... Ótimo, diga que tampouco transijo nos meus. Escuta, não é melhor a gente conversar aí em cima? Manda o porteiro abrir a porta pra gente e não torra. Transija aí, vai, ou transa aí, sei lá como é que se conjuga!

Pelo modo como abaixa o celular, vê-se que desligaram na cara dele.

Os colegas se entreolham confusos.

— E agora, que que a gente faz? — Raul indaga.

Dentre as sugestões que aparecem, e que vão desde invadir o prédio pela garagem a um deles se disfarçar de entregador de pizza, vence o plano de reunir as economias e subornar o porteiro com os quatro reais de que dispõem juntos. Entretanto, no que o sujeito recusa o dinheiro, ameaçando chamar o síndico, eles chispam.



O prédio de Vera, recém-construído, desses de portaria com guarita, faz ângulo com o parque, dez minutos a pé do Colégio Urbano, onde ela estuda. Seu apartamento é um confortável três-quartos, em que a mãe, neurocirurgiã, divorciada, ocupa a suíte grande, Vera, a menor, com varanda, e cujo terceiro quarto, forrado de estantes repletas de livros, munido de computador e mesa de reuniões, serve de escritório para ambas. Dos colegas de Vera do nono ano, nenhum tem em casa melhor espaço para estudo em equipe. Muito menos espaço perfeito para equipe de seis pessoas, cada qual sentada em cadeira de braço, ao redor de boa mesa redonda.

O apartamento da Ingrid tem a desvantagem da avó doente, quase centenária, curvada na bengala, é agonizante. No de Natália, o problema é o festival de irmãos em constante entra e sai. O de Diego, num edifício que também beira o parque e faz com que viva jogando bola no campo defronte à varanda de Vera, tem o Pablo, o irmão de vinte anos, que estuda para o vestibular e, quando não estuda, toca bateria. O Raul tem, de inviável, a distância: mora longe, numa chácara semi rural, fora de mão. Gerson tem os pais, que são arquitetos, e que atendem em casa os clientes. O restante da turma tem outros problemas, que por aí vão.

Portanto, aparecendo na agenda de Vera trabalho em grupo — e Dona Iolanda, de Redação e Estudos Sociais, é mestra em assegurar que isso não falte —, é com certeza em seu escritório que a equipe dela se reúne.



Dona Iolanda, no começo do ano, dividiu sua turma do nono ano em seis equipes de seis alunos. Disse que trabalhar em conjunto era bom treinamento para a vida. “Componham seis times e vamos à luta”, falou, distribuindo programa e cronograma de tarefas semestrais. As equipes, então, formaram-se à vontade, amigos tratando de ficar com amigos.

De um trabalho a outro, a composição das equipes poderia mudar, ao prazer dos alunos. Só que isso não aconteceu. As equipes de março confirmaram-se em abril e logo se fixaram sob os nomes de equipe I, equipe II, equipe III, equipe IV, equipe V, equipe VI, ao ponto de todos saberem que a equipe I, formada por Vera, Diego, Ingrid, Raul, Gerson e Natália, é a que tira as melhores notas.

Se os alunos estão contentes com seus times, Dona Iolanda não se incomoda que sejam os mesmos. Acha que esse recorte estável, nascido de afinidades eletivas, tem sua dinâmica no aprendizado, e até lhe revela um mapa humano interessante da classe.

Quando soube que na equipe I, que tira as melhores notas, seus trabalhos estimularam a formação de três pares de namorados, até gostou do papel de Cupido que exerceu. Inclusive passou a sustentar que o namoro na adolescência “favorece o desempenho escolar de quem namora”.

“Namorem, namorem!”, proclamou, entusiasmada com o trabalho sobre favelas que a equipe I produziu. Quando leu, da mesma trinca de namorados, o trabalho final sobre a condição da mulher, entusiasmou-se mais ainda, chegando a desabafar com Vera: “Tenho, pra mim, que se meu sobrinho namorasse uma garota estudiosa como você, tiraria melhores notas no colégio”.

As famílias dos titulares da equipe I tendem a concordar com a mestra: namoro é bom e não atrapalha os estudos. A prova está nos boletins mensais: basta ver que namorar não diminuiu em nada as notas de Vera, Ingrid e Natália, que sempre foram estudiosas e continuam sendo. Quanto ao caso de Diego, Gerson e Raul, que eram antes alunos fracos, namorar só melhorou o rendimento deles.



Estudando em equipe, logo Vera apaixonou-se pelo Diego, ou ele por ela, ou os dois ao mesmo tempo, isso aí nunca se sabe. Sabe-se que Vera ser canhota e Diego destro ajudou o namoro a deslanchar, já que, sentados lado a

lado, à mesa de trabalho, sempre puderam escrever bem, virar páginas, manusear livros, dando-se as mãos discretamente e sem interrupção.

Gostam de lembrar o momento em que passaram a se curtir de modo especial. Para Vera, isso começou quando Diego a fisgou pelo olhar e piscou com um jeito de dizer bem claro: “Tô a fim de você”. Diego reconhece:

— Foi assim mesmo, olhei e pisquei. Acontece que o começo de tudo é você ser linda e maravilhosa.

Vera devolve:

— Na verdade, te curto há muito tempo, desde que te vejo jogando bola no parque. Te achava lindo. Quer dizer, ainda te acho. Só que te achava lindo-fofo e agora te acho lindo-gostoso. E você? Quando descobriu mesmo que gostava de mim?

Diego reflete, mas vai rápido:

— Também foi jogando no parque. Te via na varanda me olhando e aí tentava te impressionar. Se bem que, paixão tiro e queda foi no aniversário da Ingrid, quando você imitou a Vera Fischer desfilando na novela.

Vera e Diego entrelaçando os dedos nas sessões de estudo, eis que Raul resolve ganhar experiência no ramo. Então, num dia em que estava de *short*, a cismar que o olhar de Ingrid passeava bobo pela sua perna, meio que contemplando seu fêmur malhado, tomou coragem e segurou a mão dela apertado. Gerson e Natália não tardaram a entrar na onda do “ficar”, sem compromisso. Mesmo porque, quando seis pessoas se reúnem para estudar, e quatro desatam a se beijar, os dois que sobram são forçados a se encarar e admitir que estão ali de otários.

Em suma, Diego e Vera lideraram a largada amorosa do nono ano. Atrás, na pista, vieram Raul e Ingrid, seguidos de Gerson e Natália na terceira fila. Alguns pensarão que o namoro *pole position* é ali o mais sincero. Brotou dele mesmo como brotam as flores, sem ninguém encorajar ou dar o exemplo. Pensar faz parte, o resto é ver.



Uma coisa é certa: no que Diego e Vera assumiram o namoro, a classe inteira sofreu na pele pontada de inveja. Inveja, assim, no bom sentido, de imaginar alguém vivendo momento feliz, divertido e rico de emoções, e querer para si momento igual.

De resto, ninguém se espantou com a novidade. A classe vinha notando que rolava um clima entre eles, de modo que viu as brumas de um encanto se armando, antes mesmo dos encantados. Para dar uma ideia do quanto notava, basta dizer que, no minuto em que começou a rolar a pergunta: “Adivinha quem tá namorando?”, a resposta sonora, imediata e geral foi: “Diego e Vera. Quem mais?”.

— Diego e Vera, claro. Moram perto, são da mesma equipe, às vezes vêm junto pro colégio, e ainda vêm rindo! — disse Salete.

— Legal — falou Jandira, repetindo, satisfeita. — Táí, legal, gosto deles.

Também se ouviu que eles ficavam bem juntos, que tinham a cara um do outro, que pareciam o “casal vinete”, coisas do gênero.

Depois, na vez de Raul e Ingrid virem à aula abraçados, o cochicho foi:

— Direito deles, mas fica engraçado a mini-Ingrid batendo na cintura do varapau!

Salete chegou a prever:

— Não vai dar certo. Ingrid vai se cansar de usar sapato plataforma, e Raul de se curvar pro chão, procurando formiga.

Houve ainda quem dissesse “Aposto que é pra imitar o Diego e a Vera”.

Agora, espanto mesmo causaram Gerson e Natália. Do míope do Alex limpar os óculos e exclamar: “Uau, a equipe I tá que tá!”, e o Isac virar, pasmo: “Gerson e Natália? Cês tão brincando!”. Durante o recreio, no que Gerson apoiava a cabeça no ombro da Natália, vários comentaram: “Quê? O nanico e a gigante?”. Salete, descrente, tornou a prever: “Não vai dar certo. Gerson vai se cansar de andar na ponta do pé, esticando o pescoço feito girafa”. A essa altura, ninguém escapou à tentação de reparar que, em matéria de harmonia e proporção, Ingrid comporia melhor com Gerson, e Raul com Natália.



Depois do espanto veio a desconfiança de que a moda do namoro perigava se espalhar como coqueluche pelo nono ano. Afinal, se pelo fio se tira o novelo e pelo passado o que está por vir, Salete estava cercada de razão ao prever: “Tem mais gente que vai sair namorando dos trabalhos que Dona Iolanda manda fazer. A questão é: quem vai ser? Débora com Isac? Jandira com Alex?”.

— Imaginou Jaime e Milena? — Rita deixou escapar.

— Só se a Milena emagrecer vinte quilos! — disse Cleide.